

LINGUASAGEM

O SENSACIONALISTA E OS PRIMEIROS DIAS DO GOVERNO INTERINO DE MICHEL TEMER: ASPECTOS DO HUMOR E DA MEMÓRIA DISCURSIVA

Márcio Antônio GATTI¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o humor do site Sensacionalista sobre os primeiros dias do governo interino de Michel Temer. Em especial, analisa-se textos que tratam de dois temas polêmicos do período inicial do governo: a ausência de mulheres na equipe ministerial e a extinção do Ministério da Cultura. Para isso, este artigo explora o conceito de memória conforme formulado no interior da Análise do Discurso de linha francesa e a possibilidade de conjunção entre tipos de memória específicos na construção tanto dos efeitos humorísticos como os de sentido nos textos analisados. Explorando a conjunção entre as memórias cognitiva e discursiva, observa-se que o humor do Sensacionalista essencialmente depende dela. Ao fazer essa exploração pelos textos do referido site humorístico, observa-se, ainda, a atribuição de características ao enunciador Michel Temer, a saber, o machismo e o neoliberalismo.

PALAVRAS-CHAVE: humor; memória; sensacionalista

Introdução

O Brasil viveu no decorrer do ano de 2016 um conturbado momento político. Desde a aceitação do pedido de Impeachment da presidenta Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados até o seu afastamento definitivo no Senado, diversos acontecimentos tomaram conta do noticiário político da mídia brasileira e internacional. Neste artigo, constitui-se como *corpus* os textos do Sensacionalista² que versavam sobre

1 Doutor em Linguística pela Unicamp. Professor adjunto do Departamento de Ciências Humanas e Educação da UFSCar – Campus Sorocaba. Contato: maggatti@ufscar.br.

2 O Sensacionalista, que se autointitula “isento de verdade”, é um site humorístico que veicula “desnotícias”, isto é, notícias falsas que tem alguma relação com acontecimentos do momento. O endereço eletrônico é <http://www.sensacionalista.com.br/>. Além do site, o Sensacionalista mantém um perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/sensacionalista/?fref=ts>) e um canal no YouTube (https://www.youtube.com/channel/UcmuU_Z9R1Igoj09a50fi9iw).

e que foram publicados no início do governo interino de Michel Temer, isto é, logo após o afastamento provisório de Dilma Rousseff pelo Senado.

O objetivo principal deste artigo é explicitar como o humor, especialmente o produzido pelo site Sensacionalista, explorou as ações iniciais (muitas delas com pouca ou quase nula propensão a debater e a pautar as demandas de importantes setores da sociedade, como o da cultura, por exemplo) do governo interino. Além disso, pretendo analisar os efeitos de humor dos textos em relação aos conceitos de memória discursiva (Courtine, 2009) e de memória cognitivo-discursiva (Paveau, 2013), tendo como intenção observar como estes, e em especial o último, são fundamentais aos efeitos de sentido humorísticos.

A escolha do Sensacionalista deve-se a: 1- trata-se de um dos mais conhecidos sites humorísticos em atividade no contexto brasileiro e 2- diante de tal cenário político, após o afastamento por até 180 dias de Dilma Rousseff da Presidência da República³, o site passou a “noticiar” incessantemente sobre as feitas do governo interino de Michel Temer, produzindo inúmeros materiais humorísticos sobre o período. A abundância de publicações do site deveu-se ao fato de que o atual presidente impôs uma série de rupturas e de mudanças significativas no cotidiano político brasileiro. Logo no primeiro dia, nomeou como ministros sete investigados por corrupção em uma das maiores operações da Polícia Federal; compôs um ministério formado apenas por homens brancos (fato sobre o qual nos deteremos neste texto); extinguiu ministérios estratégicos etc. Diante de tais rupturas e mudanças, a mídia em geral não deixou de se ocupar de tais assuntos. Como o Sensacionalista se “alimenta” dos temas jornalísticos do momento, sua pauta diária passou a ser ocupada pelos atos do presidente interino.

Será analisado nas duas próximas seções deste artigo, especialmente, o modo como a produção do humor está relacionada intrinsecamente com a conjunção entre tipos de memória específicos. Ao analisar os textos que versaram sobre dois aspectos polêmicos do início do governo interino, a falta de mulheres na composição ministerial e a extinção do Ministério da Cultura, pude observar essa conjunção nos títulos dos textos e no seu conteúdo, bem como compreender a atribuição de duas características básicas ao enunciador Michel Temer: o machismo e o neoliberalismo.

3 Em 12 de maio de 2016, o Senado brasileiro votou pela admissibilidade do processo de impeachment (processo este considerado golpe por muitas entidades e intelectuais do país e do mundo) da presidenta Dilma Rousseff que, a partir desta data foi afastada por um período de até 180 dias para que o processo de impeachment fosse julgado. No dia 31 de agosto deste mesmo ano de 2016, a presidenta foi cassada pelo Senado.

Um ministério muito macho

Nos onze primeiros dias do governo interino de Michel Temer⁴, um dos aspectos mais polêmicos foi a nomeação de um ministério composto apenas por homens brancos. Isso está refletido nos textos do Sensacionalista. Embora haja uma certa variedade de temas⁵, a composição ministerial ocupou cerca de 20% do “noticiário” sensacionalista (10 “notícias” de 50 consultadas no período), com notório destaque ao ministério composto por homens. Outro destaque, que abordarei na próxima seção, é a extinção do Ministério da Cultura.

Um dos textos, intitulado “Temer se surpreende ao saber que “representante do mundo feminino” pode ser chamada apenas de “mulher””⁶, é um deboche do site “isento de verdade” à entrevista⁷ concedida por Temer ao programa Fantástico da Rede Globo, no dia 15 de maio de 2016. Num dos trechos da entrevista, o presidente interino afirma:

“Você sabe que eu fiz a junção de vários ministérios. E agora em, pelo menos, três deles, a Cultura – Educação e Cultura – mas, para a Cultura, eu quero trazer uma representante do mundo feminino. Para a Ciência e Tecnologia e Comunicações, que quero trazer uma representante do mundo feminino”.

O título do texto, pois, faz referência direta a esse trecho, sugerindo que Temer não sabia que poderia apenas dizer “mulher”, destacando a surpresa do presidente interino sobre isso.

O que quero destacar, nesse e nos demais casos que apresentarei, é o predomínio de uma certa memória, de curto prazo, alçada como de suma importância no plano inicial do sentido do texto. É necessário, então, que haja uma certa competência cognitivo-discursiva, para que essa memória específica, no ato da leitura e interpretação tenha efeito de humor. Assim, tanto o ministério formado por homens quanto a entrevista ao Fantástico são, de certa forma, pré-requisitos memoriais de curto prazo ao leitor da falsa notícia do Sensacionalista, incorporando-se a uma memória discursiva que se impõe pelas regras de um determinado discurso, compreendido na relação com suas condições históricas de produção.

4 O *corpus* se constitui de textos coletados no site Sensacionalista entre os dias 12/05/2016 e 23/05/2016.

5 Há textos sobre pelo menos doze temas, entre eles, o filho de Michel Temer (Michelzinho); o líder do governo na Câmara; Marcela Temer; SUS; Ministério da Cultura; Eduardo Cunha etc.

6 <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/16/temer-se-surpreende-ao-saber-que-representante-do-mundo-feminino-pode-ser-chamada-apenas-de-mulher/>> acesso em 16/05/2016.

7 A entrevista pode ser conferida no link <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/05/michel-temer-diz-vai-demitir-ministros-que-cometerem-irregularidades.html>.

Um aspecto comum aos textos do site em questão é que seu título por si só tem um efeito de humor, às vezes, inclusive, assemelha-se, em termos de técnica e estrutura, a gêneros discursivos comuns do campo do humor (POSSENTI, 2010), como a piada e a tira cômica, por exemplo⁸. O texto da “notícia”, em geral, impõe uma série de outros efeitos de humor. Trata-se de narrativas cômicas que simulam uma cenografia (MAINGUENEAU, 2006) de notícia, mas que em vários trechos produzem efeitos de humor muitas vezes baseados nessa mesma memória de curto prazo presente no título. O trecho abaixo (da “notícia” cujo título é “Temer se surpreende ao saber que “representante do mundo feminino” pode ser chamada apenas de “mulher””) é um exemplo:

“Ao fim da entrevista, a repórter Sônia Bridi foi até Temer e esclareceu: “representante do mundo feminino” também pode ser chamada de mulher. Temer ficou surpreso. Achou a ideia excelente – apesar de ser bem menos glamourosa. E prometeu que espalhará 10 ou 20 milhões de outdoors pelo país com esta ideia tão revolucionária. Por fim, o atual ocupante do Palácio do Planalto disse que poderá chamar Marcela Temer, sua “representante do mundo feminino”, para assumir a área social. “Ela tem muita preocupação com isso”, afirmou.”

Do trecho, podem ser destacadas ao menos três passagens em que há efeito de humor. Primeiramente, quando Temer “ficou surpreso”, em segundo lugar ao prometer que “espalhará 10 ou 20 milhões de outdoors pelo país” e em terceiro lugar ao abrir a possibilidade de “chamar Marcela Temer (...) para assumir a área social”.

Sabemos que a noção de memória em Análise do Discurso está relacionada aos discursos situados no “tempo longo das discursividades” (PAVEAU, 2013, p. 101), ligados ao domínio de memória (COURTINE, 2009, p. 111), no qual as formulações e os textos estão numa relação com a rede de formulações e textos que os precedeu, essencialmente ligada não ao “sentido diretamente psicologista da “memória individual” (PÊCHEUX, 2015, p. 44), mas ao “sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 2015, p. 44).

8 O Título da “notícia” do link: <http://www.sensacionalista.com.br/2016/04/01/fabio-junior-vai-casar-de-novo-e-tera-que-comecar-a-repetir-mulher/>, “Fábio Júnior vai casar de novo e terá que começar a repetir mulher” é um exemplo dessa semelhança: como boa parte dos textos humorísticos, o título opera com dois scripts que se sobrepõem (RASKIN, 1985) – um que noticia um novo casamento do cantor, e outro que insere uma surpresa (SKINNER, 2002), o fato de ter que “repetir mulher”, dada a conhecida quantia de casamentos do artista.

Paveau (2013), entretanto, considera que à memória discursiva pode-se acrescentar o termo “cognitivo”⁹. Para a autora, uma memória cognitivo-discursiva pode ser concebida como um processo dinâmico que implicaria em “renunciar às imagens estereotipadas da memória, como simples armazenamento ou dicionário, para torná-la um agente ativo na produção dos discursos” (PAVEAU, 2013, p. 114). Nesse sentido, projeta a existência de “quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas), que dão instruções para a produção e para interpretação do sentido no discurso” (PAVEAU, 2013, p. 130).

Não se trata, pois, de interpretar a memória como algo simplesmente construído no momento da troca verbal, explicada pelo “aumento progressivo dos saberes compartilhados pelos interlocutores no decorrer de uma troca” (MAINGUENEAU, 2004, p. 324), mas de conceber uma memória na qual não se ignore nem que o discurso é resultante das condições históricas, nem que os sentidos estejam numa certa cognição, mesmo que esta seja absolutamente afetada pela faceta social e histórica:

A memória no discurso que será tratada aqui não se confunde com aquela que preside ao único uso da língua: trata-se de uma memória estritamente ligada às condições sociais, históricas e cognitivas de produções de discursos, aos dados extralinguísticos e sobretudo pré-discursivos que participam plenamente da elaboração, da produção, da difusão e da circulação de produções verbais de sujeitos em situação (PAVEAU, 2013, p. 92)

A meu ver, isso permitiria que pudéssemos articular as memórias que são as tradicionalmente tratadas pela AD, que vou chamar simplificada de memória “de longo prazo” àquelas que suponho ser bastante relevantes para os efeitos de humor dos textos do Sensacionalista, isto é, as memórias “de curto prazo” instauradas pelas “notícias” e compartilhadas essencialmente em virtude da propriedade “transmissibilidade”¹⁰ dos quadros pré-discursivos que as permitem materializar. Em especial o eixo horizontal ou sincrônico, que

é o da comunicabilidade enciclopédica, isto é, da construção, difusão e circulação dos quadros de saber e de crença pré-discursivos, na comunidade dos locutores e na sociedade em geral. É a famosa “partilha” de saberes tão frequentemente convocada pelos

9 Também Sophie Moirand (cf. MOIRAND, 2008) indaga a respeito da necessidade de incorporação de uma dimensão cognitiva na teorização sobre a memória em AD.

10 Para Paveau (2013), os quadros pré-discursivos possuem seis propriedades: 1- coletividade; 2- imaterialidade 3- transmissibilidade; 4- experimentalidade; 5- intersubjetividade e 6- discursividade.

pesquisadores, e que prefiro chamar de *distribuição* (PAVEAU, 2013, p. 135).

No texto em tela, pode-se observar um efeito de sentido que deriva justamente da conjugação das memórias: é as conjugando que podemos dizer que o Sensacionalista alça Temer à condição de enunciador de um tipo de discurso, o machista. No título, o eixo sincrônico se encarrega do conhecimento relacionado à entrevista ao Fantástico¹¹, outros índices, porém, vão ligando Temer a uma memória de longo prazo do machismo. No corpo do texto, a expressão “Temer ficou surpreso” impõe não apenas a possibilidade da ingenuidade do presidente interino, aparentemente reforçada com a oração seguinte “achou a ideia excelente”, mas a possibilidade da fala ser proferida de uma semântica machista. A surpresa de Temer revelaria uma imagem estereotipada do enunciador desse discurso, para ele, “mulher” e “representante do mundo feminino”, a princípio, não poderiam ser a mesma coisa. Desse descompasso deriva o efeito de humor e isso nos remete a outro enunciado polêmico que circulou à época: pode a mulher ser algo além de “bela, recatada e do lar”?¹².

A surpresa revela a impossibilidade de dizer a palavra “mulher” (ou uma fuga para que não precise dizê-la). Soa praticamente como um eufemismo: nesse discurso machista, “mulher” seria palavra maldita. Mas sugere também ingenuidade, visto que Temer acha a ideia excelente e “espalhará 10 ou 20 milhões de outdoors pelo país com esta ideia tão revolucionária”. Ambas interpretações não excluem um enunciador estereotipadamente machista, ao contrário, definem-no, já que ou se trata de um enunciador mal-intencionado que “esconde” eufemicamente a palavra “mulher” ou se trata de uma filiação tão assujeitada ao discurso machista que equiparar as duas designações rompe com a lógica enunciativa, causando espanto: “mulher se auto-representar?”.

Na segunda passagem destacada do trecho, o efeito de humor deriva essencialmente do eixo horizontal sincrônico. Ao achar a ideia maravilhosa, Temer promete espalhar 10 ou 20 milhões de outdoors pelo país. O insólito do trecho

11 Segundo Paveau, “os quadros pré-discursivos não são simples reservatórios semânticos, conteúdos estáticos de saberes e de crenças (...) eles constituem organizadores dinâmicos necessários para a situação do sujeito no tempo e para sua apreensão de novas situações (discursivas)” (PAVEAU, 2013, p. 137).

12 A expressão “bela, recata e do lar” tornou-se um dos assuntos mais comentados nas redes sociais e na Internet, quando a revista Veja publicou, em 18 de abril de 2016 (menos de um mês antes do afastamento temporário de Dilma Rousseff, ocorrido em 12 de maio) a reportagem intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”” (<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>). A expressão conjuga o que seriam, para a reportagem, os atributos da, à época, futura primeira-dama.

relaciona-se ao fato recente à época de que o presidente interino havia feito propaganda em todas as partes do país assinando a seguinte frase: “não pense em crise, trabalhe”. O leitor, então, relaciona “prometeu que espalhará 10 ou 20 milhões de outdoors pelo país com esta ideia tão revolucionária” com os outdoors de fato espalhados pelo presidente interino.

Pode-se inferir, também, que a relação não apenas com os outdoors é estabelecida, mas com o próprio enunciado “não pense em crise, trabalhe”. Este causou uma certa polêmica à época em que esteve em evidência, pois para muitos se tratava de indício de que seu enunciador ou mostrava sua incoerência ou “zombava” do trabalhador que durante a crise e desempregado não tem como trabalhar. Trata-se, pois, ou de um enunciador pouco sagaz ou zombeteiro. Relacionado com a repercussão do enunciado efetivamente produzido, o curioso sintagma final do trecho, “ideia tão revolucionária”, para um enunciador machista como o construído pelo Sensacionalista, a ideia banal de equivalência entre “mulher” e “representante do mundo feminino” parece mesmo ser revolucionária.

Na terceira passagem do texto, há ao menos dois trechos em que relevam traços de um discurso machista. Um dos índices que impõe a Temer a condição de enunciador desse discurso é o uso do possessivo “sua” em “sua “representante do mundo feminino””. Os possessivos, por si, categorizam uma relação com os papéis semânticos de “possuidor” e “possuído” (cf. CASTILHO, 2010, p. 504), mas podem também refletir uma hierarquização desses papéis semânticos. Segundo Bagno, em “ofereci a minha empregada para a minha chefe”:

Se analisamos sintaticamente os grupos *a minha faxineira* e *a minha chefe* não encontramos diferença: são dois sintagmas nominais que apresentam o possessivo *minha*. No entanto, existe uma diferença enorme de significado e de intenção-efeitos quando alguém chama uma faxineira de “minha” e uma chefe de “minha”. O que significa o *minha* no sintagma *a minha faxineira*? Significa que eu ocupo, na hierarquia social, uma posição superior em relação à faxineira. Quando chamo a faxineira de *minha*, a intenção é deixar bem clara uma série de coisas: que não faço serviços domésticos, que posso me dar ao luxo de pagar alguém para cuidar de minha casa, que essa pessoa é alguém que depende de mim para ter rendimentos etc. Quando chamo a chefe de *minha* são outras as relações que ficam claras: que não sou dono do meu próprio negócio, que dependo de um salário para viver, que existe alguém na hierarquia do trabalho que está acima de mim. Todas essas informações são transmitidas pela articulação entre o possessivo *minha* (que estabelece as relações sintático-pragmáticas) e o significado dos substantivos *faxineira* e *chefe* (BAGNO, 2011, p. 483).

O que mostra o autor no trecho citado, é algo parecido com o que ocorre com o uso de “sua” aqui, além de indicar uma condição de possuidor/possuído, hierarquiza essa relação de Temer com sua esposa, Marcela, ao evidenciar a equivalência recém-aprendida pelo presidente interino entre “mulher” e “representante do mundo feminino”. Sabe-se que Marcela Temer é a esposa ideal do discurso machista: a ela atribui-se beleza e se diz que é recatada e reservada. Casada com um homem bem-sucedido e mais velho, vive em função dele e do filho, é a mulher submissa prototípica. O pronome, nesse caso, indica e reforça a submissão da mulher ao homem e, interessante observar, é indicativo de um novo governo, em que homens desempenhariam os papéis importantes e mulheres atuariam em papéis secundários ou mesmo não teriam papel algum na tomada de decisões.

O modo como é usado o pronome “sua” ainda indica que para Temer a equivalência recém-aprendida só teria um sentido: mulheres são como sua esposa, ou ainda, que as verdadeiras representantes desse mundo feminino são como Marcela, visto que é ela a primeira que seria chamada para compor a área social.

Aqui há também outro aspecto a ser observado: o adjetivo “social” e a anáfora “isso” só podem ser interpretados de modo a contemplar a polissemia das palavras. A imagem de “bela, recatada e do lar” divulgada pela grande imprensa colabora para que o adjetivo seja interpretado com duplo sentido, este recaindo também na anáfora. A palavra “social”, de tal modo, deve ser lida contemplando dois sentidos, um que caracterizaria uma área de investimento do governo em políticas de interesse de uma sociedade, em especial, aquelas que visem a igualdade social; outro que caracterizaria interesses típicos de pessoas que vivem em torno de eventos típicos de uma parcela pequena da sociedade, os chamados eventos sociais, frequentados por certa camada da população, normalmente aquela que é vista nas colunas sociais dos jornais.

Sobre a anáfora, recaem os mesmos sentidos, porém seu uso revela outros efeitos. Ao atribuir a fala “ela tem muita preocupação com isso” a Temer, o enunciador sensacionalista impõe dois problemas ao governos interino: 1- se se interpreta “isso” com o primeiro sentido, recai sobre o governo um aspecto negligente, visto que ao dizer que “Marcela Temer teria muita preocupação com isso”, o presidente interino estaria também denegando a sua preocupação, isto é, ele mesmo não se importaria em garantir políticas para a igualdade social. Cabe também observar que o demonstrativo impõe um outro efeito de sentido: o enunciador Temer, além de denegar, afasta-se da “área social”; 2- se se interpreta com o segundo sentido, revela-se novamente o enunciador de um

discurso machista, pois à única mulher de fato importante de seu governo, reserva-se o papel de cuidar de uma área pouco importante. Para tal enunciador, as mulheres ou “as representantes do mundo feminino” se importariam mesmo é com futilidades, com eventos da alta sociedade.

É observável, então, que não é apenas pela surpresa atribuída ao presidente interino, quando descobre que mulher e representante do mundo feminino podem ser a mesma coisa, que podemos dizer que se trataria de um enunciador machista, mas também pelos fatos recentes que envolvem seu governo, em especial a falta de mulheres em seu ministério e a extinção de pastas, como o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Também pode-se dizer que as memórias se entrecruzam compondo uma memória cognitivo-discursiva, amparada nos quadros pré-discursivos relacionados ao discurso machista e aos acontecimentos políticos nacionais. No próprio noticiário do Sensacionalista, pode-se ter uma mostra de como a questão do discurso machista proliferou-se pela mídia. Um caso interessante é o texto intitulado “Colunista que escreveu que Marcela basta como mulher no governo conseguiu parceira pela última vez na gestão Figueiredo”¹³

Um governo sem cultura

Outro aspecto polêmico do início do governo provisório foi a extinção de diversos ministérios. Além do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, o Ministério da Cultura (MinC) é outro que havia desaparecido. A extinção deste causou uma série de manifestações de artistas (e de representantes de outras classes) em todo o Brasil. A classe artística articulou-se fortemente e promoveu diversos shows e manifestações contrárias ao fechamento do MinC, o que acabou fazendo com que Michel Temer voltasse atrás e reabrisse a pasta.

No Sensacionalista, uma das “notícias” sobre o fechamento é intitulada “Após grandes shows em ocupações, governo Temer diz que já fez muito pela Cultura”¹⁴. Como na notícia comentada na seção anterior, o título produz, por si só, efeito de humor, baseado também aqui na competência cognitivo-discursiva do leitor em

13 <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/16/colunista-que-escreveu-que-marcela-basta-como-mulher-no-governo-conseguiu-parceira-pela-ultima-vez-na-gestao-figueiredo/>> - acesso em 16/05/2016.

14 <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/21/apos-grandes-shows-em-ocupacoes-governo-temer-diz-que-ja-fez-muito-pela-cultura/>>- acesso em 21/05/2016.

reconhecer os fatos políticos recentes do país (o fechamento do MinC, os vários shows de protesto etc.).

Trata-se, novamente, de uma memória discursiva de curto prazo, associável ao eixo sincrônico da transmissibilidade pré-discursiva. O efeito de humor depende essencialmente dela, visto que as memórias recentes do fechamento do ministério, bem como das respostas da sociedade a esse fato, complementam-se, salientando o efeito de humor: como pode um governo que fecha o Ministério da Cultura fazer muito por esse setor? O leitor opera, assim, com duas informações básicas que estão no nível do enunciado: 1- houve grandes shows; 2- governo diz que fez muito pela cultura. Dessas informações somente relevam um efeito humorístico se conjugados às memórias mencionadas.

Mas há também um aspecto memorial que surge das imagens estereotipadas da cultura no Brasil, ou mais especificamente sobre as ações governamentais e os incentivos que a cultura recebe em nosso país. A segunda parte do título da “notícia” impõe essa memória estereotipada ao leitor, de modo que quando o Sensacionalista atribui a fala “já fez muito pela Cultura” ao governo Temer, as imagens que surgem são justamente as que contradizem o “muito”, pois se os “grandes shows em ocupações” são “muito”, é exatamente a imagem do “pouco que se faz pela cultura no país” que se articula às memórias de curto prazo necessárias para o efeito de humor. É possível ainda assinalar o papel do advérbio “já” associado ao verbo no passado “fez”, que insere um efeito de “trabalho realizado”, isto é, Temer realizou trabalhos para a cultura, trabalhou por ela. O insólito reside no fato de que esse trabalho realizado são os shows de protesto impulsionados pela sua ação de fechamento do MinC.

No corpo do texto, duas passagens se destacam em termos de efeito de humor:

- 1- ““A extinção do MinC agitou e uniu o setor cultural que levou a organizar grandes shows para a população, essa já é uma conquista da nossa administração” dizia a nota emitida pela Secretaria de Comunicação da presidência.”
- 2- “Temer agora pensa em extinguir outros ministérios para mobilizar o setor assim como fez com a Cultura: “Estamos pensando em extinguir o Ministério da Educação, assim as escolas serão ocupadas e voluntários darão aulas para os alunos a custo zero para o governo.””

Na primeira passagem, funcionam basicamente as mesmas memórias de curto prazo já mencionadas em relação ao título da “notícia” aliadas às imagens estereotipadas das poucas ações e incentivos à cultura no país. Novamente ressalta-se o

papel do “já” que encerra de certa as ações da área da cultura. O trecho é, de fato, uma paráfrase do título da “notícia”.

Na segunda passagem, outra imagem estereotipada se impõe, e como a primeira funciona como um lastro de memória (GATTI, 2014, p. 405) em relação ao que o grupo que está no poder pensaria em relação aos investimentos públicos. Em especial no trecho “voluntários darão aulas para os alunos a custo zero para o governo”, fica evidente a imagem estereotipada do enunciador neoliberal que quer reduzir custos a qualquer preço.

Sabemos que o neoliberalismo é marcado por um estado pouco intervencionista no que diz respeito ao mercado financeiro (ver ANDERSON, 2000), aquilo que se tem chamado de estado mínimo, e desde algum tempo, também estudiosos da educação têm demonstrado a predominância da tendência neoliberal nas políticas educacionais no Brasil (ver BUENO, 2003 e SAVIANI, 2007). Nesse campo, o neoliberalismo tem posto a funcionar a lógica da redução de custos, sobretudo no que tange ao gasto com remuneração de professores, que ao longo do tempo, em diversas redes, tiveram arrocho salarial. A segunda passagem resgata, pois, a educação vista como um gasto e essencialmente caracteriza o enunciador governo Temer como neoliberal.

Evidencia-se, também, outra base do neoliberalismo, o individualismo, ou a individualização das questões: o problema da educação e da cultura (seu financiamento, especialmente) não é do governo, mas daqueles que as fazem, professores e artistas. É como o que comenta Orlandi, para quem o discurso neoliberal “individualiza a questão da liberdade, destituindo-a da força concreta que ela tinha” (ORLANDI, 2015, p. 57) no discurso comunista.

A memória relacionada aos gastos parcos com cultura no Brasil retorna em outra “notícia” do Sensacionalista. No texto intitulado “Temer recria Ministério da Cultura e povo se revolta com fim de shows gratuitos”¹⁵, como nos outros, o título também tem um efeito de humor. E, no caso específico das memórias, novamente é a sua conjunção que permite ao leitor chegar ao efeito de humor do título. As duas memórias já exploradas no texto sensacionalista anterior, retornam aqui: o povo se revolta com a recriação do MinC porque sabe que não haverá mais shows gratuitos. Essa sabedoria do povo está relacionada à memória da falta de investimentos em cultura em nosso país, já a própria existência de shows gratuitos está relacionada com os

15 <<http://www.sensacionalista.com.br/2016/05/21/temer-recria-ministerio-da-cultura-e-povo-se-revolta-com-fim-de-shows-gratuitos/>> acesso em 21/05/2016

acontecimentos contemporâneos ao texto, relevando uma memória que se impõem pelo eixo sincrônico da transmissibilidade.

Conclusão

Neste artigo, analisei o modo como o site de humor Sensacionalista dedicou-se a retratar as polêmicas iniciais do governo interino de Michel Temer, que assumiu a presidência da República logo após o afastamento provisório de Dilma Rousseff. Ao observar os títulos de dois dos textos, pudemos já neles constatar que o humor que deles releva aponta para uma possibilidade de conjunção entre memórias (discursiva e cognitiva). Expandindo a observação para o conteúdo dos textos, isso fica ainda mais evidente.

Dos muitos assuntos polêmicos que surgiram durante os primeiros dias do governo interino, escolhemos dois dos mais relevantes e que causaram mais polêmica: a ausência de mulheres no ministério e extinção do Ministério da Cultura. Sobre o primeiro assunto, pudemos observar, ao analisar o texto intitulado “Temer se surpreende ao saber que “representante do mundo feminino” pode ser chamada apenas de “mulher””, que ali atribui-se características machistas ao enunciador Temer, bem como se entrecruzam memórias de curto e longo prazo, revelando a importância de uma memória cognitivo-discursiva para os efeitos de sentido e de humor.

Sobre o segundo tema, selecionei o texto intitulado “Após grandes shows em ocupações, governo Temer diz que já fez muito pela Cultura” e nele também analisa-se a relevância da conjunção dessas duas memórias que se alça como de extrema importância no plano dos sentidos do texto. As análises mostraram, também, que outra característica foi atribuída a Michel Temer, a de ser enunciador de um discurso neoliberal. Esta atribuição é menos “evidente” que a primeira (o machismo), mas perceptível quando o texto retrata uma suposta tentativa de “gastar” menos com educação e cultura.

Ao analisar o humor do Sensacionalista, este texto questiona, pois, sobre o conceito de memória no interior da Análise do Discurso. Retomando Pêcheux, para quem a memória “é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos e de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2015, p. 50), acredito que, como Marie-Anne Paveau (2013), podemos incorporar neste espaço a

cognição, que não exatamente é apenas o enclausuramento da memória “no espírito dos indivíduos” (PAVEAU, 2013, p. 116), mas a distribuição “nos outros discursos e discursos outros” (PAVEAU, 2013, p. 116), participando ativamente na produção e na interpretação dos discursos, ativando uma memória não mais somente discursiva, mas cognitivo-discursiva, ampliando as possibilidades de compreensão do discursivo no âmbito da AD. Embora a tentativa tenha sido de explorar minimamente essa ampliação do conceito de memória, relacionado à teoria dos pré-discursos, em especial à propriedade da transmissibilidade, as outras propriedades, não exploradas aqui, dos pré-discursos me parecem contribuir e impulsionar sobremaneira a análise do fenômeno discursivo.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). *Pós-Neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p.9-23.
- BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BUENO, Sinésio Ferraz. *Pedagogia sem sujeito: qualidade total e neoliberalismo na educação*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.
- GATTI, Márcio Antônio. Estereótipo e pré-construído: é possível uma articulação? *Signótica*, v. 26, n. 2, jul./dez. 2014. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/Faculdade de Letras, UFG, 2014. p. 397 - 414.
- MAINGUENEAU, Dominique. Verbete “memória discursiva”. In CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MOIRAND, Sophie. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l’allusion dans la presse. *Estudos da Língua(gem)*. v. 6, n. 1. Vitória da Conquista, p. 7-46, junho de 2008.
- PAVEAU, Marie-Anne. *Os Pré-discursos: memória, sentido e cognição*. Campinas: Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni P. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre (et al.) *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 2015, p. 53-61.

PECHÊUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre (et al.). *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 2015, p. 43-51.

POSSENTI, Sírio. É um campo: um programa. In: _____. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 171-180.

RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, Reidel, 1985.

SAVIANI, Dermeval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

Como referenciar este artigo

GATTI, Márcio Antônio. O sensacionalista e os primeiros dias do governo interino de Michel Temer: aspectos do humor e da memória discursiva. **revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 191-204.